
O JUDEU ERRANTE NO NORDESTE

Maurice Van Woensel

Uma veia literária antiga e rica da Europa, a do Judeu Errante, é pouco conhecida no Brasil. Trata-se de uma figura legendária. Conforme a versão sedimentada na literatura popular, na hora da sua paixão e via sacra, um judeu teria zombado Jesus aos gritos: “Vai andando, vai logo!”; Jesus teria replicado: “Eu vou, e tu ficarás até a minha volta”. O judeu, desde então, foi andando de um país a outro, sem poder morrer nem ter direito a fixar-se numa casa, e assim deveria continuar até Jesus voltar.¹

Existem duas fontes escritas paralelas apontando para as origens da lenda. A mais antiga é o livro *Flores historiarum* (c. 1237) da autoria do monge beneditino inglês Roger de Wendover. Este relata que um bispo da Armênia lhe revelou que tinha encontrado um judeu, de nome Cartáfilo, porteiro do palácio de Pôncio Pilatos. Na hora da Paixão, ele levantara a mão contra Jesus e como forma de castigo nunca pode ter paz nem morrer. Depois da morte de Jesus, ele se converteu e continuava vivendo como penitente na Armênia.² Outra fonte, alemã, é um panfleto anônimo *Kurze beschreibung und Erzählung von einem Juden mit Namen Ahasverus* (1602) (Breve descrição e relato sobre um judeu chamado Ahasverus). Esse teria sido um sapateiro que tinha sua casa em Jerusalém no percurso da Via Crucis de Jesus.³ Além das alcunhas Ahasverus (ou Assuerus) e Cartáfilo, o judeu tinha outras ainda: nos países germânicos muitas vezes era chamado Isaac Laquedem, na Itália era apelidado João Buttadeu e em Portugal e na Espanha, João Espera em Deus.⁴

Os pormenores da vida do Judeu Errante variam bastante conforme as várias versões da lenda. Afirma-se que durante suas andanças, na hora da precisão, sempre encontrava, por milagre, cinco moedas no seu bolso. Dezenas de testemunhas afirmaram tê-lo encontrado e conversado com ele, em muitas cidades diferentes: Hamburgo, Bruxelas, Praga, etc. Muitas vezes o Judeu era apresentado como um homem arrependido e convertido: até teria sido batizado por Ananias, um dos primeiros cristãos de Jerusalém, que também batizou Saulo/Paulo. Consta que ele sempre apresentava seu relato da paixão de Jesus debaixo de copiosas lágrimas.

Nos países germânicos o Judeu Errante foi assunto predileto dos cantadores de feira: conservam-se vários *Fliegblätter* [folhas soltas] e *Volksbücher* [livros do povo] os equivalentes de nossos folhetos de cordel, em alemão e neerlandês, dedicados ao assunto. Reproduzimos aqui uma estrofe de uma versão flamenga, de 22 estrofes, cada uma de oito hexassílabos, que teve larga difusão até no século passado:

Men hoord nog in dees dagen
en al het droevig klaegen,
het schroomelijk misbaer,
den Joodschen Wandelaer,
wat groote wonderheyd
die kortelings geleden,
in Duynkerk kwam getreden,
zeer zeldzaem in 't habijt.⁵

Escutam-se esses dias
todos as tristes queixas,
os pavorosos lamentos
de um Judeu Errante,
um fato admirável
há pouco ocorrido:
ele chegou em Dunquerque
de roupas esquisitas.

Também na França o judeu deu origem a uma copiosa produção de literatura popular, vendida nas feiras. Trazemos aqui uma estrofe de uma canção difundida durante décadas, aludindo à recente aparição - a última a chamar a atenção geral - do Judeu Errante em Bruxelas, no 22 de abril de 1774. É uma *complainte*, um 'lamento' melancólico em estrofes de seis hexassílabos.

Est-il rien sur la terre
qui soit plus surprenant
que la grande misère
du pauvre Juif errant!
Que son sort malheureux
paraît triste et fâcheux.

Será que existe na terra
coisa mais surpreendente
do que a grande miséria
do pobre Judeu Errante!
Como sua sina lastimável
parece triste e deplorável.

Des bourgeois de la ville
de Bruxelles en Brabant,
d'une façon civile
l'accostent en passant.
Jamais ils n'avaient vu
un homme aussi barbu.⁶

Burgueses da cidade
de Bruxelas, no Brabante,
com toda a delicadeza
o interpelam quando passa.
Jamais tinha avistado
homem barbudo assim.

Na tradição ibérica, houve poucos folhetos ou livrinhos de literatura popular dedicados ao Judeu Errante. Carolina Michaelis de Vasconcellos encontrou algumas alusões à figura de “Juan de-Spera in Deus” ou ainda “Juan vota a dios” em escritos ibéricos desde 1493, mas ela procurou em vão traços de sua presença na literatura popular.⁷

A história do Judeu Errante, de cunha popular em suas origens, passou para o campo da literatura erudita onde grassou até em nossos dias. Goethe, Wordsworth, Schlegel, Chamisso, Shelley, Edgar Quinet, Eugène Sue, Gaston Paris⁸, tantos outros e até mesmo o nosso Machado de Assis,⁹ sem falar dos compositores e libretistas, ficaram fascinados pela figura do homem imortal-a-contragosto, um revoltado contra Deus ou contra os deuses, um irmão de alma de Prometeu e de Lúcifer.

*

À primeira vista, seria de estranhar que esta lenda tão popular no Norte da Europa fosse enriquecer a tradição popular do Nordeste do Brasil. Para nossa surpresa, porém, encontramos três folhetos diferentes de poetas populares sobre a lenda do Judeu Errante. Mas olhando com atenção, foi fácil deduzir que eles não têm sua origem na antiga tradição oral; originaram-se, sim, na literatura devota católica de recente data, como veremos mais adiante.

O folheto mais difundido é *O Judeu Errante*, da autoria do poeta popular pernambucano Severino Borges da Silva, nascido em Aliança, PE, em 1919. A edição que encontramos foi impressa em Juazeiro do Norte por conta das filhas de José Bernardo da Silva, em 30 de maio de 1975. Ela apresenta 199 estrofes do tipo “sextilhas de folhetos” (seis setissílabos na disposição rímica XAXAXA).

O Judeu do folheto apresenta significativas diferenças em relação ao Judeu Errante tal como aparece na literatura popular da Europa, desde seu nome próprio que é de todo original: Samuel Belibé - em hebraico “Beli-Beth”, o que quer dizer “O Sem-Casa”, apelido adequado para o Errante.

Enquanto nas versões europeias a narrativa quase que se limita a contar as andanças do Judeu e seus encontros com testemunhas em cidades da região, em nosso folheto, essas andanças ocupam poucas estrofes no final da história; em contrapartida, o narrador conta em pormenores a

Paixão de Jesus e reserva nesta narrativa um papel bastante importante para o Judeu Errante, ao lado de Caifás, Pôncio Pilatos e os demais personagens evangélicos. Evidentemente, não há nenhuma referência ao Judeu Errante nos evangelhos, nem mesmo nos chamados evangelhos apócrifos: trata-se de uma estória surgida da fértil imaginação de devotos cristãos ao longo dos séculos.

Quando comparamos este folheto com seus congêneres dos países germânicos, constatamos que o Judeu nordestino pouco tem em comum com o tradicional protagonista do veio nórdico: longe de refletir quaisquer ressentimentos anti-semíticos, o Judeu Errante sertanejo aparece como um pecador que se converteu e só vive para a edificação dos cristãos. Já que era evidente que Severino Borges se tinha baseado em algum texto de todo alheio à tradição de lenda do Judeu, quisemos localizar suas fontes e procuramos entrar em contato com ele, o que não foi fácil. O poeta adoecera, perdera a esposa e foi morar na casa da filha, na Usina Olho d'água (PE). Encontramo-lo ali e ele nos deu gentilmente uma entrevista: confessou que ele mesmo não tinha mais um exemplar do folheto em pauta, mas afirmou que o sabia decorado e pôs-se a cantá-lo sem hesitação acompanhando-se com seu violão.

Severino nos indicou sem hesitar a fonte do material contido no folheto. Trata-se do livro *O martir do Gólgota* do autor espanhol Henrique Perez Escrich,¹⁰ livro traduzido para o português e publicado na cidade do Porto, em Portugal, sem data, no início do século. Severino Borges nos disse que ele já possuía mas perdeu um exemplar de uma edição posterior do livro, brasileira, publicada pelas Edições Paulinas de São Paulo: fora essa a edição que ele usou. Nosso encontro com mestre Severino foi em 1990: já tinha a saúde abalada e não “fazia mais as feiras”. Infelizmente, sua saúde continuou em declínio e soubemos que faleceu em 26 de maio de 1991.¹¹ Com ele desapareceu um dos grandes e mais criativos poetas de cordel do Nordeste.

Depois de nossa visita a Severino Borges procuramos e encontramos o livro de Escrich. Verificamos que, realmente, o poeta tinha encontrado nessa obra todos os pormenores e a temática de sua versão do Judeu Errante. Severino acompanhou a narrativa do autor espanhol, com uma exceção, porém: não aproveitou o último capítulo da obra de Escrich. Neste, o Judeu Errante, quarenta anos depois da morte de Cristo, volta a visitar o Calvário e ali se encontra com o Apóstolo João, que lhe

conta como, neste intervalo, os apóstolos pregaram em toda parte do mundo e morreram martirizados.¹²

O folheto começa com um 'topos' clássico, a *captatio benevolentiae*, isto é, o poeta procura bem-dispor seu público: "Leitor amigo eu te peço/ atenção por um instante/ para que tu possas ler/ um romance interessante/ de Samuel Belibé/ chamado "O Judeu Errante".

Na terceira estrofe Severino segue fielmente Escrich que assevera que houve três Judeus Errantes diferentes: "Samer" - que corresponde ao nome tradicional Assuerus ou Ahasverus -; "Cataflío", transcrição equivocada do nome 'Cartáfilo' fornecido por Escrich, e "Belibé", versão livre de "Beli-Beth" de Escrich. "Foram 3 judeus errantes/ o Samer foi o primeiro/ o segundo foi Cataflío/ e Samuel o terceiro/ passou a Judeu Errante/ na vida de sapateiro/"

Na estrofe seguinte, Severino, cometeu um pequeno lapso, ao afirmar a respeito do judeu:

*Antes de ser sapateiro
já tinha sido soldado
percorreu diversas terras
como um subordinado
servindo a Vespasiano
nos anos de seu reinado.*

Trata-se de um anacronismo evidente. Na época da Paixão de Jesus, o imperador de Roma era Tibério; Vespasiano reinou de 69 a 79. Escrich, aliás, afirma que o Judeu serviu no exército romano sob os imperadores Augusto e Tibério.¹³ O engano se explica pelo fato de que Escrich, no último capítulo de seu livro, deixa o apóstolo João contar ao Judeu os eventos dos quarenta anos que passaram depois da morte de Jesus. Ora, nesse relatório alude-se ao fato de que o imperador Vespasiano e seu filho Tito sitiaram Jerusalém e destruíram a cidade. Provavelmente devido a esta menção de Vespasiano, o nosso poeta trocou os nomes dos Imperadores no seu folheto: pequeno equívoco perdoável de um historiador-amador.

Um detalhe típico do folheto são os vários nomes próprios inventados por Escrich/Severino, nomes que não constam na Bíblia. Assim uma vizinha caridosa de Belibé chamada Saráfia: ora, essa mulher, na

hora da crucifixão enxugou o rosto de Jesus e escutou dele essas palavras: “Teu nome será Verônica/ porque tiveste coragem/ de enxugar o meu rosto/ nesta penosa viagem/ e eu deixo em tuas mãos/ por lembrança minha imagem./ (O nome Verônica não consta dos evangelhos mas provém de um antiga tradição e seu gesto é o objeto de uma das 14 estações da Via Crucis da Igreja.) A mulher de Pilatos chama-se Cláudia; Caio Ápio é o nome de um centurião de Pilatos e o mau ladrão crucificado junto a Jesus chama-se Gestas. O bom ladrão chama-se Dimas: esse nome não consta nos evangelhos, mas uma velha tradição o atribui ao ladrão arrependido.

O maior contraste entre o folheto nordestino e os textos europeus está sem dúvida no enfoque dado ao protagonista e ao enredo. Com efeito, das 199 estrofes, 174 se referem à narrativa da Paixão - na qual Belibé toma parte ativamente. Surpreendentemente, é ele que acusa Jesus perante o tribunal de Pilatos “Pegou Jesus pelo ombro/ e com ímpeto desumano/ deu-lhe várias bofetadas/ e disse: Juiz romano,/ vos contarei já os crimes/ deste traidor profano./” Ora, nas tradicionais versões europeias vemos o contrário: elas não atribuem ao judeu nenhum papel ativo na paixão, apresentam seu encontro com Jesus na Via Crucis como fortuito e a narrativa se concentra em suas andanças sem fim. Em contrapartida, para Severino, as andanças do judeu pelo mundo afora, objeto quase que único das narrativas tradicionais, cabem em poucas estrofes: “E por diversos lugares/ ele já apareceu/ na França, na Inglaterra/ no continente europeu/ e não pode ser mentira/ porque ele não morreu./”

Registramos outro acréscimo de Escrich/Severino ao enredo da estória tradicional. Nesta, o episódio-chave é o encontro do judeu com Jesus no momento da Via Crucis: “Vai andando, vai logo!” e a réplica de Jesus: “Eu vou, e tú ficarás até a minha volta”. Ora, o folheto, ao longo de mais de trinta estrofes, enfatiza bastante essa réplica de Jesus, ecoando-a por meio de vozes diferentes. Primeiro, o Judeu ouve ‘uma voz acusadora na consciência’; em seguida falam-lhe os esqueletos dos profetas perto do túmulo de Absalão, ecoados por ‘mil vozes’ - Severino copiou esse nome erradamente como ‘Abraão’ -; o profeta Zacarias, sua própria mulher já falecida, ambos ressuscitados, todos eles repetem a mesma ordem “anda”. E por fim Belibé recebe uma suprema ‘ordem de marcha’, nestes termos: “São Gabriel lhe entregou/ o bastão do viajante/ e disse anda maldito!/ Samuel no mesmo instante/ atou nos pés as sandálias/ tornou-

se o Judeu Errante.”

Finalizando, Severino Borges não esconde que encontrou a história de todo pronta em ‘o livro’ (sem especificar que se trata de *O mártir do Gólgota*): “Aqui, meu leitor, termino/ toda história passada/ de Samuel Belibé/ uma alma desgraçada/ e que encontrei no livro/ escrevi sem deixar nada.”

Na última estrofe vem “a moral da história”, a lição catequética: a advertência para não se imitar Belibé que rejeitou Jesus Cristo. Esta estrofe final contém a “assinatura” do autor, seu acróstico “BORGES”:

*Belibé monstro maldito.
Opressor do Bom Jesus
Renegado dos profetas
Guerreou de encontro à luz
Errante inda está no mundo
Sustenta o peso da cruz.*

*

Meses depois de conhecer este folheto e seu autor, soubemos que existem outras duas versões de cordel sobre o Judeu; por intermédio da colega Neuma Fachine Borges, o mestre Átila A. de Almeida, agora já falecido, nos forneceu uma cópia de dois folhetos de sua coleção particular. Um é *A vida do Judeu Errante e os horrores do pecado* da autoria de Francisco Sales Arede (nascido em Campina Grande, PB, em 1916).¹⁴ Não traz nome de editora nem data: tem 8 páginas, é composto de 38 estrofes de “sextilhas de folheto”, rima XAXAXA. O outro folheto é *A vida do Judeu Errante*, de Manuel Apolinário Pereira, pernambucano falecido no Juazeiro, CE, em 1955.¹⁵ Trata-se de um “romance” de 30 páginas, 127 estrofes de “sextilhas de folheto”, rima XAXAXA. Quanto à matéria prima narrativa, os enredos de ambos esses folhetos são bastante parecidos com o de Severino Borges.

O folheto de Francisco Sales Arede, porém, difere dos demais a partir do título: “*A vida do Judeu Errante e os horrores do pecado*.” É um “compacto” da estória original de apenas 8 páginas. Não há indicação de editor, nem data de publicação.

Enquanto os outros dois poetas populares deram um espaço maior

para a Paixão de Jesus e poucas páginas para as andanças do Judeu, Areeda fez o contrário: da Paixão só retém o episódio do encontro de Jesus com Samuel Belibé na Via Crucis: depois de ter empurrado Jesus, o Judeu ouve sua sentença: “Por tua condenação/ serás maldito e errante/ sem haver consolação/ andarás sem ter descanso/ até a consumação”. Acrescenta ainda a confirmação da sentença “Anda!” através das sucessivas vozes do filhinho, da mãe, da esposa falecida, de centenas de esqueletos redivivos e de um anjo.

A segunda parte do folheto diverge dos outros dois, tanto pelo enfoque como pelo tom psicológico, místico e catequético e pela criatividade do autor: com vários pormenores aparentemente de sua própria invenção, Sales descreve o sofrimento do judeu ao longo de suas andanças. Ele queria morrer (se atira dos altos montes, mergulha no oceano), mas permanece ileso. Quando escutamos alguém falar na porta e não há ninguém ali ou quando alguém ouve pelo caminho o som de um tropel, “é o triste Judeu Errante” que passou. Sales destaca que o judeu chora “sem ter o descanso bendito” de manhã, ao meio-dia, ao cair da noite, a meia-noite, sem parar.

O protagonista de Sales não é um judeu convertido, feito missionário, como é o caso nos outros dois folhetos, mas é um exemplo de como Deus castiga o pecado. Isto fica claro a partir do subtítulo “os horrores do pecado” e se confirma nos versos final, na “moral da história”. Sales encerra o folheto deixando seu “autógrafo”, o acróstico, sempre o mesmo em seus máis de 100 folhetos, “FSALES”.

*Portanto caros leitores
O Judeu Errante é
O mais desventurado
Alma imortal sem ter fé
Castigado pelas obras
Igualmente Lucifé (...)*

*Foi o Judeu um soldado
Sem luz e perseverança
A Cristo não quiz ouvir
Logo perdeu a herança
Está vagando no mundo
Sem ter nenhuma esperança.*

*

Quanto ao conteúdo, o folheto de Manoel Apolinário Pereira, *A vida do Judeu Errante*, pouco difere do romance de Severino Borges. Ambos seguem fielmente a narrativa do *Mártir do Gólgota*, mas enquanto Severino destacou o papel de Cláudia, a mulher de Pilatos, no processo de Jesus, Manoel omite esse episódio; em compensação, evoca a vida pregressa de Belibeth (sic) antes de seu encontro com Jesus: tinha sido 'comandante de um grande batalhão' do imperador e se tinha casado com 'uma linda donzela'. Manoel inclui também parte das informações de Eschrich quanto aos encontros do Judeu Errante com testemunhas entre 1221 e 1599 em Hamburgo, Madri e outras cidades. O que é da lavra pessoal de Manoel é essa estrofe: "Mas dizem que do Brasil/ ele nunca se esquece/ porque o povo é rebelde/ e a Jesus não conhece/ e desse jeito que vai/ brevemente ele aparece." Assim, finalizando seu romance, o poeta fica fiel à tradição catequética e moralizadora sertaneja que não deixa de inspirar o horror ao pecado a partir do mau exemplo de um vilão.

Quanto à forma, esse folheto traz algumas particularidades. Primeiro, a inclusão de "comerciais" em um folheto: uma epígrafe em prosa de 11 linhas precede, na página inicial, os primeiros versos. Este destaque contém um resumo do romance: "*Interessante romance de luta, Mistério, Paixão e morte. O tratado da Vida de um Judeu Errante que desconhecia a Deus e desobedecia todos seus mandamentos.*" Cita-se então a fonte do folheto e inclui-se também uma propaganda *pro domo*: "*Romance extraído do Mártir do Gólgota. Versado pelo poeta popular Manoel Apolinário Pereira e editado pela folhetaria Luzeiro do Norte do grande poeta João José Silva.*" Este tipo de epígrafe-chamariz em prosa raramente se encontra em folhetos. Além disso, o poeta demonstra honestidade intelectual citando sua fonte: *O martir do Gólgota*.

O final do livro também é um "comercial" *sui generis*. Com efeito, além do tradicional acróstico marcando a autoria "APOLIN", temos aqui mais duas estrofes com acrósticos identificando a editora LUZEIRO DO NORTE. É de notar que essas duas estrofes são setilhas - todo o resto são sextilhas - para incluir as 14 letras do nome da editora. É sabido que houve muitos casos de plágio e de apropriação e publicação indevida de folhetos escritos por outros: é por isso que o poeta afirma claramente: "passei para ele o papel", isto é, para João José da Silva, proprietário da Luzeiro do Norte

*Leitores o livro que
Ultimamente escrevi
Zelei por ele bastante
Escrevi só o que vi
Isto é muito necessário
Reclame a Apolinário
O que achou ruim pra ai.*

*Do livro Judeu Errante
O autor Apolinário
Não podendo publicar
O romance necessário
Resta me dizer que é
Traçado pra João José
Editor proprietário.*

*Agora 14 livros
Passei pra ele o papel
O documento legal
Levei meu nome fiel
Isto nunca foi mistério
Na vida de Manoel.*

*

É evidente que o Judeu de nossos folhetos não é produto da tradição popular ou folclórica de nossa ou outras terras: veio pousar aqui por intermédio da literatura devota moderna, no caso *O mártir do Gólgota* de Eschrich, autor de fértil imaginação que transformou a lenda secular numa narrativa edificante. Este livro teve muito sucesso junto ao povo fiel na primeira metade deste século: não esqueçamos que naquela época a Igreja praticamente proibia ao povo o acesso à Bíblia, mas, curiosamente, permitia que o devoto rebanho se alimentasse com narrativas fantasistas como a de Eschrich. Este autor não quis enganar seu público: ele mesmo citou as fontes da lenda do Judeu Errante e tentou justificar a validade de sua obra de ficção acerca de um assunto sagrado.¹⁶ “...se a tradição [do Judeu Errante] é uma fábula, como deve crer-se, é preciso convir que

em nada pode apresentar com tanta exactidão o disperso povo d'Israel, que nunca pode reunir-se, como esse homem amaldiçoado por Deus em cujos ouvidos resôa claramente o "anda, anda, anda!" da tradição. Nós demos-lhe uma forma phantastica, porque em nada affecta o dogma, assim como nos servimos d'um nome que ninguem cita [Samuel Belibeth]".

Não convém julgar aqui a mentalidade um tanto anti-semítica, nem a substituição da Bíblia por narrativas fantasiosas mas edificantes, toleradas pela Igreja, há um século: registramos o fato de que, de um modo geral, a literatura de cordel assimilou boa parte da tradição chamada "apócrifa" (textos que não constam na lista canônica dos livros da Bíblia), como também o rico acervo de nomes e episódios da tradição pseudo-bíblica. Aliás, a própria Igreja foi buscar naqueles livros apócrifos vários fatos e nomes que depois foram incorporados à literatura devota e à iconografia. Existem até festas no calendário litúrgico baseadas em piedosas lendas sem nenhum fundamento bíblico ou histórico, tais como a festa de Nossa Senhora de Loreto (santa padroeira dos aviadores brasileiros, por sinal!) que alude à lenda segundo a qual os Santos Anjos teriam levado, "via aérea", a casa de Nossa Senhora em Nazaré para a cidade de Loreto na Itália.

É neste veio de devoção popular rico em lendas e crendices que devemos situar os folhetos ora em pauta. Mas enquanto a tradição popular européia apresenta um eterno andarilho, os nossos poetas consagram a maior parte de seu folheto à Paixão de Cristo, na qual reservam para o Judeu um papel de carrasco-adjuvante e suas andanças não passam de um epílogo da estória. Além disso, Samuel Belibé ou Belibeth é apresentado como um penitente, uma espécie de missionário andante: enquadra-se perfeitamente no gênero dos *exempla*, ou seja, as estórias edificantes que ilustram a pregação dos padres. O Ahasverus amaldiçoado da tradição nórdica, transplantado para nossas plagas tropicais, tornou-se Belibé, um autêntico romeiro, testemunha ocular da Paixão, pecador convertido e penitente, missionário ambulante.

Notas

1. HASAN-ROKEM, Galit & DUNDES, Alan eds. *The Wandering Jew*, essays in the interpretation of a Christian legend: Bloomington: Indiana University Press, 1986; CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: INL, 1962. 407-8; APOLLINAIRE, Guillaume. *Oeuvres en prose*. v. 1 Paris: Gallimard, 1977 (Pléiade). p. 81-94; 1112-7; FRENZEL, Elizabeth, *Stoffe der Weltliteratur*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1963, p. 15-9.
2. EDELMANN, R.. Ahasuerus, the wandering jew; origin and background. In: HASAN-ROKEM, Galit & DUNDES, Alan eds. *The wandering jew*; op. cit., p. 1-10.
3. *Ibidem*.
4. VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de. O judeu errante em Portugal. *Revista Lusitana*, I (1): 34-44 (1898); O judeu errante em Portugal. *Revista Lusitana* II (1): 74-6.
5. TOP, Stefaan. *Komt vrienden, luistert naar mijn lied*. Tiel (Bélgica): Lannoo, 1985. p. 129. A tradução livre é nossa.
6. ROY, Claude. *Trésor de la littérature populaire*. Paris: Seghers, 1954. p. 332. A tradução livre é nossa.
7. VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de. op. cit.
8. FRENZEL, loc. cit.
9. MACHADO DE ASSIS. "Viver!" In: -. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991 v. 2. p. 563-9
10. ESCRICH, Henrique Perez. *O martyr do Golgotha*; tradições do Oriente. v. 3 trad. do castelhano. Porto: Companhia Portuguesa Editora, s.d. p. 225-318.
11. VAN WOENSEL, Maurice. Severino Borges da Silva: um grande poeta popular; FECHINE, F. Neuma. Severino Borges: em busca do imaginário. *Boletim da comissão paraibana de folclore*. 2 (3) : 1-2; 3-4 (maio 1994).
12. ESCRICH, p. 315.

13. *Ibidem*, p. 226.

14. ALMEIDA, Átila Augusto F. de & ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. v. 1. João Pessoa: Editora Universitária, 1978. p. 67.

15. *Ibidem*, p. 217.

16. ESCRICH, p. 294.

O Judeu Errante é uma personagem popular do folclore e da literatura européia. Mas enquanto autores tais como Goethe e Shelley, e mesmo nosso Machado de Assis, consideraram o Judeu um irmão de alma de Lúcifer e Prometeu, arrogantes rebeldes contra o poder divino, nos folhetos de cordel nordestinos encontramos um Judeu diferente: um piedoso andarilho, um pecador convertido, uma espécie de missionário ambulante.